

POR UMA NOVA GEOGRAFIA REGIONAL: ENTÃO VAMOS COMEÇAR PELO SERTÃO!



<https://doi.org/10.22533/at.ed.3851325040413>

Data de aceite: 30/04/2025

Ednaldo Emilio Ferraz

Graduado e especialista em Geografia pela FAFOPST. Mestre em Ciências Sociais pela UFRN. Professor lotado na rede pública de ensino do Estado de Pernambuco. Experiência na rede privada de ensino, cursinhos preparatórios para ENEM e no ensino superior (graduação e pós-graduação). Ex-membro do CEP/FIS <http://lattes.cnpq.br/1707761071392335>

André Gustavo Bezerra Sabino

Graduado e especialista em História pela FAFOPST. Mestrando em História pela UFPE. Professor lotado na rede pública do Estado do Ceará. Experiência na rede privada de ensino e em cursinhos preparatórios para ENEM. <http://lattes.cnpq.br/2479109265600014>

RESUMO: O presente texto busca inicialmente discutir o Sertão imanicamente presente no espaço virtual, verificar sua significação histórica e hodierna, suas descontinuidades e continuidades, buscando nas fontes mais populares, como a internet, principal fonte da pesquisa escolar entre os estudantes nas primeiras décadas do século XXI e os dicionários (não mais tão usual, contudo,

fundamentais na conceituação). De que forma o Sertão é divulgado e apreendido por quem vai buscar informações sobre o Sertão? Após descortinar a superficialidade e anacronia dessas fontes sobre a semântica do termo Sertão e de como esta região é apresentada pelos textos e imagens em sites de busca. Em seguida buscou-se apresentar as transformações do Sertão tomando inicialmente como referência a microrregião do Pajeú, enquanto espaço geográfico já predominantemente urbano (mas também com um rural que aos poucos tem se distanciado da imagem do velho Sertão), tornando territórios gradativamente luminosos, referenciando conceituação de Milton Santos, reflexo do avanço técnico-científico-informacional em setores diversos da economia, através de dados do IBGE (2000 e 2010). Verifica-se avanços, contudo, velhas mazelas ainda persistem, no entanto, o presente trabalho objetivou demonstrar um outro Sertão pouco evidenciado, um novo Sertão. O principal objetivo deste texto é desfazer gradativamente o efeito medusa que o Sertão foi submetido a séculos. Atraso, embora exista não se pode apenas assim caracterizá-lo. O presente texto é primeiro um alerta e ao mesmo tempo um convite a Geografia e aos geógrafos para

“despetrificar” o Sertão, por meio da evidência, da demonstração empírica e de dados oficiais, contudo, não tem-se a intenção de fazê-lo apenas por meios quantitativistas ancorada no positivismo. Sertão, um espaço que tem experimentado nas últimas décadas mudanças, ora mais intensas, ora de menor proporção, variando na imensidão da espacialidade sertaneja. Acredita-se que o geógrafo deve primeiro através da sua espacialidade, cidade, meio rural, vila, povoado... do seu lugar, tomar como objeto de contextualização, numa perspectiva material ou imaterial, com objetivo de evidenciar aos educandos as transformações socioespaciais. O desmonte desse Sertão, do atraso apenas, é urgente. O geógrafo deve assumir o papel de “perseu”, cortar as cabeças das medusas, uma de suas missões.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Efeito medusa. “Despetrificar”. “Novo” Sertão. Perseus da Geografia.

FOR A NEW REGIONAL GEOGRAPHY: SO LET'S START WITH THE BACKLANDS!

ABSTRACT: This text initially seeks to discuss the Sertão imagetically present in the virtual space, to verify its historical and current significance, its discontinuities and continuities, and to search for the most popular sources, such as the Internet, the main source of school research among students in the first decades of the 21st century, and dictionaries (no longer so common, but fundamental in the conceptualization). How is the Sertão disseminated and understood by those who seek information about the Sertão? After revealing the superficiality and anachronism of these sources regarding the semantics of the term Sertão and how this region is presented by texts and images on search engines. Next, we sought to present the transformations of the Sertão, initially taking as reference the Pajeú microregion, as a geographical space that is already predominantly urban (but also with a rural aspect that has gradually distanced itself from the image of the old Sertão), gradually turning territories into brighter territories, referencing Milton Santos's concept, a reflection of the technical-scientific-informational advances in various sectors of the economy, through data from the IBGE (2000 and 2010). Advances have been made, however, old problems still persist. Nevertheless, this work aimed to demonstrate another Sertão that is little evidenced, a new Sertão. The main objective of this text is to gradually undo the Medusa effect that the Sertão has been subjected to for centuries. Delay, although it exists, cannot be characterized as such. This text is first and foremost a warning and at the same time an invitation to Geography and geographers to “de-petrify” the Sertão, through evidence, empirical demonstration and official data. However, the intention is not to do so only through quantitative means anchored in positivism. The Sertão, a space that has experienced changes in recent decades, sometimes more intense, sometimes lesser, varying in the immensity of the spatiality of the Sertão. It is believed that the geographer must first, through its spatiality, city, rural environment, village, town... of its place, take as an object of contextualization, from a material or immaterial perspective, with the objective of showing students the socio-spatial transformations. The dismantling of this Sertão, of the backwardness alone, is urgent. The geographer must assume the role of “Perseus”, cutting off the heads of the jellyfish, one of his missions.

KEYWORDS: Teaching. Jellyfish effect. “De-petrify”. “New” Sertão. Perseus of Geography.

INTRODUÇÃO

O Sertão de escritores e de cientistas sociais como, Caio Prado Júnior (História Econômica do Brasil), Câmara Cascudo (Viajando o Sertão), Josué de Castro (Geografia da Fome), Manuel Correia de Andrade (Terra e o Homem no Nordeste), Celso Furtado (Formação Econômica do Brasil) e de tantos outros, ainda existe?

Um Sertão quase sempre do distante ermo de natureza dominada pela sequidão e pelas cactáceas, onde, o homem tinha apenas três alternativas: sobreviver, se adaptando a natureza, morrer de fome nas grandes estiagens ou abandonar o lugar, na grande cidade de concreto. Esta pergunta norteadora embora de denotação simples, pois, décadas e até séculos já se passaram desde que alguns daqueles pensadores evidenciaram o Sertão para o resto do Brasil, pois, tudo é dinâmico na cultura material e imaterial, mas a percepção do Sertão permanece estático, imutável, para o resto do Brasil e até para as demais sub-regiões nordestinas.

Uma imagem desoladora (exclusiva) impregnada nas mentes dos brasileiros e nordestinos de um Sertão que perdura “cegando” inclusive o sertanejo que aceita e acredita em tais interpretações.

Ao realizar uma simples busca na internet escrevendo a palavra *Sertão* no Google (site de busca mais popular) e clicar em imagens, não estranhe se forem apenas imagens relacionadas a seca, a caatinga sem folhagem, as perdas agropecuárias, de famílias numerosas em frente suas casas simples de barro (pau a pique).

Pergunta-se se só existe esse Sertão? Só há secas? Só há fome? Só há abandono do lugar? Só há panelas vazias? Pois, essa é a imagem que em pleno século XXI se tem do Sertão fora do Sertão. Contribuindo com o perpétuo preconceito regional dentro do território nacional.

O Sertão enquanto “unidade regional” do Nordeste, pois tem-se ainda o Agreste, Zona da Mata e Meio Norte, numa perspectiva de totalidade dentro do território, foi quase sempre percebido como um espaço geográfico caracterizado pelo atraso e pelo isolamento, onde, prevalece a rudeza, o analfabetismo, a aspereza, a fome, a pobreza, a valentia, a violência, o coronelismo, a força, a resiliência... Rotulação e estigmatização acompanharam (e acompanham) a história interpretativa dessa sub-região do nordeste, todas essas mazelas e outras como resultado das condições naturais, como um determinismo geográfico inevitável. Livros didáticos, telejornais, impressos, livros literários, música e a pintura, reproduzem o “*velho sertão*” como hegemônico regionalmente.

Pode-se mencionar que pesquisas científicas realizadas pelos programas de graduação e pós-graduação estão desvendando gradativamente esse outro Sertão, principalmente em universidades do Nordeste, como, a UFCG, UFRPE (Serra Talhada), UFRN, UNIVASF dentre outras que desenvolvem pesquisas sobre a pluriatividade, segurança alimentar e novas práticas rurais em propriedades familiares no Sertão

(Cimone Rozendo, Fernando Bastos, Maria Odete Alves, Shana Sampaio dentre muitos outros pesquisadores) caminhando no sentido de desconstruir essa percepção do atraso sertanejo. No entanto, ainda restrito a um público de pesquisadores interessados pelas temáticas e com alcance que não atinge os populares através das mídias. Contudo, um excelente começo.

Sendo este trabalho uma tentativa dois professores sertanejos e inquietos (Justificativas em apêndice) que não aceitam mais tais interpretações exclusivas e únicas (de um Sertão miserável) de uma região que tem apresentado significativas transformações socioeconômicas e espaciais nas últimas décadas e que pouco ou pouquíssimo é evidenciado pelas diversas mídias.

O presente trabalho tomou como *lócus* investigativo de tais metamorfoses contemporâneas a microrregião do Pajeú, composta por 17 municípios e com uma população correspondente a 19,97% do Sertão (2010). Buscar-se-á compreender como os sertanejos e não-sertanejos percebem a região? Quais transformações estão impactando a microrregião do Pajeú? E de que forma os significados da palavra Sertão “impede” a clareza dos sentidos ou cria um mito de imutabilidade e estaticidade para o espaço geográfico sertanejo e para o tecido social que a ocupa?

UM NOVO SERTÃO POUCO E/OU (DES)CONHECIDO

Inicialmente se fará uma breve análise semântica do significado da palavra Sertão e suas incoerências analíticas aplicáveis a uma complexidade espacial contemporânea. Em seguida, propõe-se uma breve busca na internet sobre o Sertão, na sua forma textual e imagens, que Sertão a pesquisa obterá?

Pergunta-se, só existe um Sertão nordestino? O Sertão nordestino (a partir da microrregião do Pajeú) pode ser denominado como tal? Esse termo contribui para o entendimento regional e sua complexidade? A que serve o uso do termo na contemporaneidade? A última pergunta pretende-se respondê-la em outro trabalho.

O que dizem os dicionários e na internet do sertão? Quais imagens são veiculadas na internet?

O termo Sertão quanto a sua origem há pesquisadores que indicam para o termo *Muceltão* de origem angolana (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2019), que fora abreviado para *celtão* e *certão* (*A posteriori* Sertão) que significa, “lugar interior, local distante do mar” (p. 21), ou ainda, *locus mediterraneus* (FILHO, 2011). Para outros teria o vocábulo sertão origem na língua latina com o vocábulo *desertus*, de interior, coração das terras (FILHO, 2011). Já Gustavo Barroso (1947) sugere que a palavra Sertão derivou de *desertão*, como os portugueses se referiam às regiões despovoadas da África equatorial.

O uso do termo Sertão referindo-se a uma paisagem (natural e social) na literatura faz referência a espaços distantes do litoral e antecede qualquer regionalização de cunho político-administrativo. No entanto, Sertão tornou discursivamente a antítese (LIMA, 2016) do litoral civilizado, do espaço que mantém práticas comerciais, em que os contatos culturais são mais efetivos, que o Estado se faz presente, o Sertão é o exato oposto.

No dicionário Aurélio digital (2021) tem as seguintes significações “1 Lugar *agreste* afastado dos pontos cultivados. 2 Floresta longe da costa. 3 [Por Extensão] O interior do país. 4 [Brasil: Nordeste] Zona do interior mais seca que a caatinga”. Os significados no dicionário Aurélio (o mais popular do país) para o Sertão associam-se apenas a origem da palavra e ao Sertão brasileiro dos primeiros séculos, sendo, o Sertão contemporâneo é apenas associado a seca e a Caatinga. A luz da ciência geográfica, estão associadas à palavra Sertão incoerências teóricas, como no item 1 onde ler-se “[...] afastado dos pontos cultivados”, certamente tal significado tem laços ao período colonial quando os pecuaristas foram obrigados a se distanciarem das lavouras de cana-de-açúcar no litoral, como se não tivessem sido cultivadas lavouras para o consumo local no Sertão desde o início? Também deve-se observar a uma incoerência geográfica no item 4. de explicação dos aspectos físicos, pois, o Sertão em predominância é dominado pela Caatinga, bioma adaptado ao clima semiárido, induzindo o leitor a relacionar a um clima mais seco que o semiárido? Pois, mais seco que o clima da Caatinga apenas o árido. Percebe-se claramente uma confusão entre o significado do termo e as condições naturais do Sertão.

Em outro dicionário on-line (Dicionário Priberam da Língua) outros aspectos apresentados ampliam a ideia de Sertão e já citadas no início deste tópico. Descreve o sertão enquanto paisagem da seguinte forma, “1. Lugar *agreste* e inculto, afastado de povoações. 2. Floresta no interior de um continente, longe da costa. 3. [Brasil] Região pouco povoada do interior do Brasil”, aqui o distante do litoral, o pouco habitado e interior são destacados, embora, se referindo ao território nacional e não especificando o Nordeste.

No Dicionário Houaiss (2001, p. 712, grifo nosso) a descreve como, “1. região agreste, afastada do centro urbano e das terras cultivadas. 2. O interior do país. 3. região pouco povoada do interior do país, zona mais seca que a caatinga. 4. onde permanecem as tradições e costumes antigos”.

Nos significados apresentados pelo dicionário Houaiss também chama a atenção para os costumes e tradições, assim como Câmara Cascudo (1984), que permanecem imutáveis. Uma sentença semântica de prisão ao atraso pelos autóctones da região (ao menos no significado da palavra).

Nos três dicionários o termo *agreste* aparece inicialmente para se referir a região (no último) e ao “lugar” e a “região”. No dicionário Priberam (2021) o vocábulo tem os seguintes significados: “Do campo; rústico e rude. 2. Desagradável. 3. Bravio, inculto. 4. Que não se adapta à domesticidade. 5. Áspero. 6. Camponês”.

O vocábulo *agreste* amplifica a negatividade do termo aplicado na contemporaneidade a um espaço regional? Principalmente se a esse espaço já lhe é atribuído historicamente o termo Sertão, promovendo preconceito regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Ao significado associa-se situações como: selvageria (que não se adapta), analfabetismo (inculto), violência (bravio), arcaico, grosso, sem modos (rude e rústico) e outros que embora não sejam negativos, mas que, no entanto, generalizam costumes, hábitos, práticas econômicas, como: camponês, que associa exclusivamente ao rural e a agricultura de subsistência. No entanto, o termo desagradável (item 2) é de fato um termo desagradável ao se referir indiretamente e/ou diretamente a um espaço regional, onde, o apego, o enraizamento e o afeto se fazem presentes na relação entre homens e o meio. Pesquisas demonstram (FERRAZ, 2012; 2021; SOUZA SOBRINHO; GOMES DE MORAES, 2016), o sertanejo da espacialidade rural altamente apegado ao seu lugar.

As palavras se tornam obsoletas com o tempo e seu uso não contribui de forma alguma para compreender um fenômeno, principalmente se esse fenômeno é dinâmico. Para Bacon o uso incorreto das palavras gera ídolos que são de todos os mais perturbadores (BACON, AF: LIX), pois invadem o intelecto através das palavras distorcendo a realidade (PEREIRA, 2012).

Para Bacon, a linguagem, que deve ser governada e utilizada pelo homem, se converte em uma fecunda criadora de "ídolos". As palavras chegam a adquirir uma importância exagerada. E as mais importantes discussões degeneram, frequentemente, em disputas verbais. A linguagem engendra o erro, inventando nomes para coisas que não existem ou aplicando nomes ambíguos ou indeterminados às coisas existentes. (G. FRANCOVICH, 1938, p. 11, grifo nosso)

Pesquisar sobre a região Sertão iniciando pelos seus significados nos dicionários não ajuda nem um pouco a entender o Sertão nordestino e muito menos o povo sertanejo, caracterizado como, inculto, bravo, áspero, selvagem.

Sertão como representação de espaços interiores do país, a pesquisa centraliza suas indagações ao Sertão que a partir do século XIX os discursos políticos e literários foram gradativamente capturado (raptado) pelo Nordeste e oficializado na regionalização do Nordeste em sub-regiões em 1969 e dentre elas o Sertão nordestino (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2019).

Poderíamos acreditar que os interiores do território brasileiro dos primeiros séculos de ocupação até recentemente nas primeiras décadas da segunda metade do século XX poderia existir um Sertão (literalmente) brasileiro e nordestino (como apontam o seu significado), no entanto, aquele Sertão pouco a pouco divide espaço com novas territorialidades, (agricultura irrigável, assentamentos rurais, com novas relações sociais, com novas práticas econômicas, com novas espacialidades). Um Sertão que nos atrevemos a chamaremos de Novo? A pesquisa buscará descrever esse Sertão.

Os homens que assim a denominou no passado longínquo estão perdoados, mas os homens contemporâneos não, se continuarem a aceitar um termo que inferioriza, generaliza e “petrifica” uma sub-região inteira.

O que o brasileiro encontra sobre o Sertão na internet nos sites de busca? Efeito Medusa.

Para elaborar o presente tópico fez uma breve busca no *Google* identificando as palavras associadas ao termo Sertão. O objetivo é identificar como os não sertanejos terão uma primeira impressão sobre o Sertão por meio da internet que hoje é indiscutivelmente a principal fonte de pesquisas. Foram buscados principalmente os sites de conteúdo educativo, como: *infoescola*, *wikipedia*, *mundoeducacao.uol*, *todamateria* e *escola.britannica*, por serem estes os mais visitados pelos diversos usuários (estudantes, “professores”, turistas ou apenas curiosos que buscam informações). Os trechos introdutórios a seguir dos sites (grifos nossos) caracterizam o Sertão para quem busca informação, veja-se a seguir.

1. O sertão nordestino, também conhecido como sertão, é uma das quatro sub-regiões da Região Nordeste do Brasil, sendo a maior delas em área territorial. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o_nordestino).

2. Sertão é o nome que se dá a uma região agreste, do interior do país, distante dos centros urbanos. E quem vive no sertão é chamado “sertanejo”. (<https://escola.britannica.com.br/artigo/sert%C3%A3o/487860>).

3. O Sertão Nordestino é uma região que comprehende a parte mais interior de praticamente todos os estados da região nordeste brasileira. Usualmente, a denominação de “sertão nordestino” é dada às regiões interioranas, onde se concentram algumas das cidades com maiores índices de desigualdade social do país, além de baixíssimos indicadores de desenvolvimento sócio-econômico. (<https://www.infoescola.com/geografia/sertao-nordestino/>)

No início dos textos on-line percebe-se destaque dado a localização geográfica, ao clima semiárido, aos escassos recursos hídricos, as desigualdades sociais, a situação de interioridade. Enfim, características destacadas de um Sertão imutável. Sobre o sertanejo ou informações que remeta aos indivíduos nativos nos *sites* (grifos nosso) indicados o descreve principalmente pelo prisma da pobreza e das dificuldades, sendo.

1. Nesse cenário pouco amigável, o sertanejo vive de maneira austera. Caracterizado como homem de poucas palavras, vive em uma terra de mitos e de solidão. (<https://escola.britannica.com.br/artigo/sert%C3%A3o/487860>)

2. Porém, vale ressaltar que a região apresenta um dos maiores índices de desigualdades sociais e econômicas do Brasil. Problemas como a fome, má distribuição de renda, miséria e éxodo rural são recorrentes, sobretudo, nas cidades do interior do sertão. (<https://www.todamateria.com.br/sertao/>)

3. A criação de gado avançou pelo sertão e até hoje é uma das principais atividades da região e, embora incipiente se comparada às regiões centro-oeste e sul, caracteriza o modo ser do sertanejo nordestino. (<https://www.infoescola.com/geografia/sertao-nordestino/>)

4. Muito embora não seja divulgado na grande mídia, a região do sertão é farta no tocante à cultura da poesia popular. É imensa a quantidade de pessoas com habilidade na arte da rima e no improvisar de versos. Através desses repentista. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o_nordestino).

O sertanejo ainda é visto dentro de uma temporalidade congelada ou petrificada (como se Sertão e o sertanejo tivesse olhado para a medusa) como se este ator social fosse inatingível por qualquer mudança cultural, econômica, política e psicológica. Pois, este ator social é compreendido como miserável, faminto, analfabeto, retirante e de “poucas palavras”. Apenas no Wikipedia destaca o lado criativo e artístico do sertanejo. A situação piora quando se faz uma busca por imagens do Sertão. É de assustar a imutabilidade imagética dessa região.

Navegando em um mar de imagens petrificantes

Em buscas por imagens o método de seleção das imagens para este texto foi pautado nas primeiras imagens encontradas nos sites de busca do Google, tendo as palavras-chave (texto): *Sertão nordestino, povo sertanejo e habitações sertanejas*. Os “pesquisadores” (nesse mundo virtual) terão no Sertão nordestino um espaço de vazios demográficos, de paisagens secas dominadas por cactáceas e arbustos com galhos sem folhagem, de solos rachados e pedregosos. Quanto às habitações sertanejas apresentadas serão apenas imagens de casas de barro, como representação da pobreza vivenciada pelas famílias que as ocupam (na maioria). Na busca por povo sertanejo, encontra-se como destaque o homem do campo, de vestimentas simples e velhas, esguio, de pele enrugada e com indumentárias regionais de vaqueiros. Veja-se a seguir as três primeiras imagens quando procuradas pelas palavras-chave.



Foto 1: Sertão nordestino Foto 2: Povo sertanejo Foto 3: Habitações no Sertão

Fonte: Google Imagens

Após “vislumbrar” tais imagens os “pesquisadores” reforçam imageticamente um “Sertão”, que embora exista, inclusive na microrregião destacada nesse estudo, contudo, não é exclusivo e muito menos hegemônico espacialmente, economicamente e culturalmente. A busca realizada em outros sites de busca (Yahoo, Bing, Ask, DuckDuckGo...) não são diferentes os resultados, mudam as primeiras imagens (e textos), mas o cenário desolador continua por minutos de rolagem.

O que tem escrito e de imagens do Sertão na internet? E ainda na música, na pintura e no cinema. Na telenovela o Sertão também é retratado a reforçar a imagem da seca, do coronel, da pobreza, da corrupção política, da ignorância... Em recente matéria no site do Uol (CASTRO, 2024¹) foi feita o seguinte levantamento, dos 26 folhetins gravados no Nordeste apenas 4 foram gravados em capitais (Verão Vermelho [1970], Final Feliz [1982],

1 <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/parada-no-tempo-globo-explora-sertao-ate-o-limite-e-ignora-capitais-do-nordeste-120738> Acessado em: 14 de Abril de 2025.

Tropicaliente [1994] e Segundo Sol [2018] e as demais continuaram a estereotipar o Sertão e o sertanejo para o resto do Brasil.

Precisa-se de “Perseus” para cortar a cabeça da Medusa e “despetrificar” o Sertão e o sertanejo dessa imagem única e exclusiva.

DIFUSÃO PETRIFICADA DO SERTÃO ENQUANTO REGIÃO: PAPEL DO PROFESSOR SERTANEJO

Não apenas o Sertão nordestino (como demonstrada nos tópicos anteriores), mas toda espacialidade regional (da micro escala a macro escala geográfica) sofre com algum tipo de rotulação, construída historicamente, sendo a mídia por meio do telejornal, da telenovela, da minissérie, do cinema, mas, também outros meios, como o literário, a música, o documentário, o livro didático, mas principalmente a internet como já citado, os maiores promotores constitutivos da representação imagética de um espaço regional, como: A Amazônia do indígena e da floresta, o Rio de Janeiro e São Paulo da violência e do marginal, as Minas Gerais do queijo e do povo de fala mansa e preguiçosa, do Centro-Oeste da soja e das duplas sertanejas, do sul do churrasco e chimarrão. Rotulações espaciais-regionais que compõem o Brasil, que no exterior é país do futebol e do samba. Qual é o papel dos professores de Geografia e afins frente a situação até aqui apresentada? Os espaços-rótulos entre nós pouco ganham novos contornos, seria sinal de um certo fracasso do geógrafo em sala de aula? Mas, sejamos sinceros duas aulas são suficientes para tal empreitada no ensino básico?

O Nordeste não se resume ao Sertão já apresentado anteriormente, como percebido entre os não nordestinos. E o Sertão não se resume a uma abordagem anacrônica feita pelo resto do país.

O geógrafo deve em seu trabalho, seja o pesquisador de gabinete ou o professor do ensino básico. Mas, principalmente em sala de aula, constatar construções imagéticas que destoam da realidade do espaço, por meios de suas categorias espaciais, principalmente por meio da região, apresentadas pelos meios jornalísticos (em suas diversas formas de difusão), filmografias, documentários, no espaço virtual e ainda por meio dos materiais didáticos que chegam ao âmbito escolar.

“Materializando” nas mentes dos educandos uma imagem do espaço, que ora encontra-se “petrificado” (FERRAZ, 2022), em anacronia (a exemplo do Sertão nordestino para o resto do Brasil), ou apresentando espaços como fábulas como diria Milton Santos (2008) ao discutir o mundo capitalista global, espaços onde se constrói uma imagem isenta de mazelas socioeconômicas. Dicotomias geográficas que não ajudam a interpretação complexa dos espaços regionais.

Quanto ao uso inadequado das categorias espaciais, os PCNs (1998) já alertavam os educadores a respeito da manipulação das categorias, como é possível lê a seguir:

Assim, pode-se compreender por que o espaço, a paisagem, o território e o lugar estão associados à força da imagem, tão explorada pela mídia. Pela imagem, muitas vezes a mídia utiliza-se da paisagem para inculcar um modelo de mundo. Sendo a Geografia uma ciência que procura explicar e compreender o mundo por meio de uma leitura crítica a partir da paisagem, ela poderá oferecer grande contribuição para decodificar as imagens manipuladoras que a mídia constrói na consciência das pessoas, seja em relação aos valores socioculturais ou a padrões de comportamentos políticos nacionais. (PCN, GEOGRAFIA, 1998, p. 29)

Deve-se, portanto, a Geografia dentre tantas responsabilidades no século XXI, haja vista, a maior complexidade trazida pela virtualidade, pelo avanço desenfreado da globalização, a maior participação da mulher nas sociedades contemporâneas, a luta identitárias pelas minorias sociais, a geopolítica cada vez mais multipolar, as novas ruralidades e o agronegócio, a construção da cidadania em países onde avançam o capital que (des)territorializa comunidades tradicionais... Só para mencionar alguns assuntos, pois, a lista tornaria o presente texto muito extenso. A essas temáticas se soma a necessidade de desconstruir essa imagem do Sertão impregnada de passado e vazia de presente.

SERTÃO DO PAJEÚ: UM EXEMPLO DE METAMORFOSE SOCIOESPECIAL

Pernambuco se divide 5 mesorregiões que se divide em 19 microrregiões, 2 mesorregiões sertanejas, a do São Francisco e o Sertão pernambucano, que se divide 6 microrregiões. O Sertão Pernambucano divide-se em 4 microrregiões (Araripe, Moxotó, Salgueiro e Pajeú).

A Microrregião do Pajeú é composta por 17 municípios. A microrregião “[...] é detentora de uma área territorial de aproximadamente 13.350,30 km², que corresponde a 14,04% do Sertão de Pernambuco” (VERSYPEP; ET AL, 2015, p. 19) e com uma população em 2010 de 314.603 e estimativa de 331.416 em 2018 (IBGE, 2010; 2018, Apud ETENE-BNB, 2019). Percebe-se que houve aumento demográfico no período. A seguir figura com os municípios da microrregião.



Figura 1: Municípios da microrregião Pajeú.

Fonte: Versypep e et al, 2015, p. 18.

A microrregião do Pajeú quanto a urbanização só recentemente o território tornou-se urbano (quando a população urbana ultrapassa a rural), pois, era de 46,3% em 1991, 55,8% em 2000 e 63,5% em 2010 (IBGE, 2010). . Sendo Tuparetama o município que apresenta a maior taxa de população urbana com 80,1%, acompanhado por Afogados da Ingazeira com 78,1% e Serra Talhada com 77,3%. O município que apresenta a menor taxa é Solidão com 31,9 %, seguido por Quixaba com 37,0% e Calumbi com 38,6% (IBGE, 2010). Dos 17 municípios, 10 já tem população predominantemente urbana.

Dos 7 municípios rurais 4 estão em vias de se urbanizarem com médias acima de 40% da população vivendo nas cidades em 2010, acredita-se que o censo de 2022 traga um aumento de municípios urbanos na microrregião.

Quanto às taxas de analfabetismo verifica-se que vem ocorrendo ampla redução em todos os municípios da microrregião de 1991 a 2010. Em 1991 o analfabetismo variava em média de 44% da população e em 2010 caiu para 25% da população, queda de 19%. No entanto, bem acima da média nacional 9,6% e em Pernambuco de 18% (PNUD, 2013). O município com menor taxa de analfabetismo em 2010 era Triunfo com 17% seguido por Serra Talhada com 21% e o município que apresentava a maior taxa entre os municípios era Flores com 32,9% acompanhado por Calumbi com 32,6% da população.

Consequentemente ocorreu aumento da escolaridade média em todos os municípios (tempo médio de estudo) em todos os níveis de escolaridade (fundamental, ensino médio e superior) (IBGE, 2010). Quanto ao acesso à educação superior os municípios apresentaram média de 1,7% em 1991 e em 2010 subiu para 3,9% da população microrregional, um aumento de 2,2% (IBGE, 2010; PNUD, 2013; ETENE-BNB, 2019). O município que apresentou a maior taxa na população com ensino superior em 2010 foi Afogados da Ingazeira (6,4%) acompanhado por Triunfo (6,2%) e Serra Talhada (5,3%). E as menores taxas ocorreram nos municípios de Calumbi (2,2%) e Quixaba com 2,6% (IBID, 2019).

Em ampla relação com a escolaridade média tem-se a renda média e o grau de vulnerabilidade à pobreza. E na microrregião do Pajeú observa-se aumento da renda média e redução da vulnerabilidade social à pobreza. Como pode ser observado no quadro a seguir.

Renda Média	1991= R\$ 67,00	2010= R\$ 116,00
Vulnerabilidade à pobreza	1991= 92%	2010=67%

Quadro 1- Renda média e média de vulnerabilidade à pobreza na microrregião do Pajeú

Fonte: IBGE, 2010 (organizado pelo autor)

Os dados médios apresentados no quadro 1, demonstram o aumento da renda em 49 reais e a redução da vulnerabilidade à pobreza em 25% da população, resultando no

período em melhoria da qualidade de vida dos pajeusenses. Que novas espacialidades territoriais são resultantes dessas mudanças? Que novas relações sociais e culturais podem ser percebidas na atualidade? Em resumo, que mudanças materiais e imateriais passam a compor a microrregião do Pajeú? É o que propõe a atual pesquisa, compreendê-las.

SERTÃO DO PAJEÚ: DO OPACO AO AVANÇO DA LUMINOSIDADE

Tomando-se o Sertão do Pajeú como referência socioespacial no presente trabalho verifica-se que está microrregião encontra-se em trânsito da *opacidade* para a luminosidade geográfica. Para Etges e Carissimi (2014) “uma forma eficaz de interpretar o território e suas particularidades regionais consiste na análise da distribuição territorial dos instrumentos técnicos, científicos e informacionais de que se dispõe” (p. 2). Milton Santos e Maria Laura Silveira (2008) define nos seguintes termos a opacidade e a luminosidade dos territórios.

[...] aqueles territórios que acumulam densidades técnicas e informacionais e, portanto, se tornam mais aptos a atrair atividades econômicas, capitais, tecnologia e organização são denominados territórios luminosos. Os territórios em que estas características não estão presentes são chamados de territórios opacos (p. 264).

Empresas privadas de médio (eletrodomésticos, vestuários, móveis, segurança, educação, tecnologia...) e grande porte (distribuidoras de material de construção, de vidros, de alimentos...), empresas públicas (distribuição de energia, de água, espaços de ensino técnico, setor financeiro...), universidades, faculdades, centros médicos, telefonia móvel, bancos e financeiras, shopping, hotelaria, aeroporto, indústrias de setores diversos (cimento, alimentos, têmpera de vidros, móveis,...) espaços rurais irrigados e de produção comercial, chácaras, condomínios rurais, espaços rurais de produção de orgânicos voltadas ao comércio... concentram e dinamizam o *meio técnico-científico-informacional*, nas últimas 3 a 4 décadas em expansão no Sertão do Pajeú. Atraindo exponencialmente novos empreendimentos na região, em especial no maior polo da microrregião, Serra Talhada. Assim, afirmam Santos e Silveira (IBID), “os espaços luminosos, pela sua consistência técnica e política, seriam os mais suscetíveis de participar de regularidades e de uma lógica obediente aos interesses das maiores empresas” (p. 264).

A expansão desse meio-técnico-científico convive com espaços opacos (FERRAZ, 2011; 2022), que quase nada avançou (minifúndios e latifúndios improdutivos, com nenhuma ou reduzida produção) e se integrou ao sistema-mundo global, onde, a engenharia moderna pouco transformou. Contudo, esses espaços (do velho Sertão) há muito não são mais hegemônicos territorialmente.

QUE SERTÃO PODEMOS MOSTRAR? O PODER DA IMAGEM.

Crescemos ouvindo a frase que uma imagem fala mais que mil palavras. A seguir uma série de fotografias retiradas no Sertão pernambucano de chácaras as margens das seguintes rodovias: BR 232, PE 390, PE 361 e PE 365 (e em suas proximidades). Onde percebe-se a “febre da chacarização²”, contudo, outras (novas) ruralidades diversificam o Sertão, que destoam imaticamente do Sertão que encontramos da internet (cyberespaço).



2 Fenômeno que marca a expansão de unidades chácaras no espaço rural e/ou em áreas de expansão urbana, crescendo a indicadores superiores a outras unidades rurais.



Figura 4: fotogaleria de 'novas habitações' sertanejas.

Fonte: Autor

Chácaras, hotéis fazenda, clubes de lazer, pistas de rally, parques fotovoltaicos, parques de vaquejada, parques eólicos, assentamentos rurais, unidades rurais de produção orgânica e tantos outros espaços, transformam gradativamente o Sertão (rural). Precisa-se de mais imagens que demonstrem também a abundância, a riqueza e a diversidade sertaneja. Por uma Geografia do martelo (tomando emprestado o conceito de Friedrich Nietzsche, com a sua Filosofia do Martelo) para destruir a velha imagem única do sertão e construir uma nova imagem. As casas de pau a pique, são cada vez mais raras na paisagem sertaneja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Miséria, isolamento, fome, abandono, seca e morte, palavras que historicamente caracterizavam o Sertão nordestino (ampliando-se a todo o Nordeste tais características) na contemporaneidade deve-se revisar tal forma exclusiva de compreensão de uma região tão extensa e complexa. O texto se propõe partindo das transformações recentes na microrregião (parte da região intermediaria de Serra Talhada conforme regionalização do IBGE de 2017) do Sertão do Pajeú, incentivar e ampliar para as demais regiões geográficas releituras por cientistas sociais, produtores culturais, jornalistas, e traçar um perfil complexo e dinâmico para um espaço que foi e é estigmatizado pelos brasileiros que pouco conhece a realidade hodierna do Sertão. Reafirma-se que o presente trabalho não tem interesse nenhum de afirmar que velhas mazelas foram extintas, não mesmo, objetiva na verdade evidenciar um outro Sertão, um novo Sertão, mutável, resiliente (e que progride) e que acima de tudo é incorporado as dinâmicas do capital globalizante com todas as positividades e principalmente as negatividades desse processo, construindo territórios luminosos e tornando outros opacos. Espaços técnicos-científicos-informacionais se ampliam determinando as dinâmicas urbanas (e até rurais, a exemplo do vale do São Francisco). Este trabalho que não se alinha a nenhuma leitura exclusiva de um ramo científico, mas, percebe que todas as ciências devem unir forças para “desestigmatizar” uma construção secular. O chamado é para todos que queiram fazer o papel de Perseu, que estejam dispostos a cortar a cabeça da medusa e (des)petrificar o Sertão.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O Rapto do Sertão: A captura do conceito de Sertão pelo discurso regionalista nordestino.** Revista Observatório Itaú Cultural. N. 25, São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100102/01-Durval.pdf>. Acesso em: março de 2025.

Preconceito contra a origem geográfica e de lugar:
As fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

BACON, Francis. **Novum Organum, ou, Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida.** 2^a edição, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BARROSO, Gustavo. **Praias e várzeas: alma sertaneja.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

ETENE-BNB. **Informações Socioeconômicas, território: Sertão do Pajeú**. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/5242186/PE++Sert%C3%A3o+do+Paje%C3%BA++2019.pdf/a6ace7d4-7319-a92d-0f0a-dcb043afd10a>. Acesso em: 18 de março de 2025.

ETGES, Virginia Elisabeta *et al.* **Territórios luminosos e territórios opacos** - Uma análise à luz das contribuições de Milton Santos. REDES. Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul, v. 19, ed. especial, p. 44-64, 2014.

FERRAZ, Ednaldo Emílio. **Do meu Sertão nem Morto: Uma relação de topofilia em um Sertão em retração**. Anais Eletrônicos do VI Colóquio de História “Faces da cultura na História: 100 anos de Luiz Gonzaga. Recife: UNICAP, 2012. Disponível em: http://www.unicap.br/coloquiohistoria/?page_id=46. Acesso em: 25 de março de 2025.

_____. **Do meu lugar nem morto (parte 2): Uma relação de topofilia - em situação oposta (“inverno”)**. Contemporaneidades: URCA, 2020. Disponível em: <https://contemporaneidadesurca.wordpress.com/sala-nisia-floresta/>. Acesso em: 18 de março de 2025.

_____. **Sertão! Até quando? In: A Sociologia e as formações sociais 2**. Organizado por Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama. Ponta Grossa - PR: Atena Editora, 2022.

_____. **Chacarização: Novas ruralidades no Sertão – Um retorno com glamour ao sítio**. Texto ainda não publicado.

FRANCOVICH, Guillermo. **Os ídolos de Bacon**. Rio de Janeiro: Brasília Editora, 1938.

FILHO, Fadel David Antônio. **Sobre a palavra “Sertão”: Origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica)**. Ciência Geográfica, Bauru- XV -(1): Janeiro/Dezembro, 2011. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_11.pdf. Acesso em: 4 de março de 2025.

LIMA, Camila Teixeira. **Sertões e as Veredas da Modernização Nacional** (In Pelo Sertão, o Brasil). Macapá: UNIFAP, 2016.

PNUD. **Atlas do desenvolvimento humano**. Brasília: PNUD, IPEA, FJP, 2021. Disponível em:

<<http://www.atlasbrasil.org.br/pt/download/>>. Acesso em: 28 de março de 2025.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: Território e Sociedade no início do século XXI. 11^a Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SERTÃO. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/Sert%C3%A3o>. Acesso em: 15 de março de 2025.

SERTÃO. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/sertao/>. Acesso em: 15 de março de 2025.

SERTÃO NORDESTINO. Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o_nordestino, Acesso em: 18 dezembro de 2021.

SERTÃO, Mundo e Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/sertao.htm>. Acesso em: 25 de março de 2025.

SERTÃO. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sertao/> Acesso em: de 26 de Março de 2025.

SERTÃO, Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sertao/>. Acesso em: 27 março de 2025.

SOUZA SOBRINHO, Alexandre Machado Marques de; GOMES DE MORAES, Juliana. **Juventude no Campo: O contexto da Permanência no Sertão do Pajeú**. Revista Científica Rural Urbano. Recife. V. 01. p. 131-135, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/article/view/241015>. Acesso em: 28 de março de 2025.

VERSYPEP, Nina Iris ET AL. **Microrregião Pajeú: economia, clima e desenvolvimento da agricultura**. Revista GEAMA, Recife, v.1, n.1, março de 2015. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/indooex.php/geama/article/view/478>. Acesso em: março de 2025.

APÊNDICE

Relato 1 (FERRAZ, 2022): “Este trabalho se justifica por uma trajetória de vida de observação-reflexão, primeiro de um menino que corria pelas ruas da cidade de Serra Talhada-PE sem calçamento, com esgotos a céu aberto, que andava nas casas de taipa de colegas após as brincadeiras no início dos anos de 1990, de um jovem que embora não tenha passado fome, mas que escutava rotineiramente colegas que iam para a escola pública apenas pelo lanche e a possibilidade de levar algo aos seus irmãos mais novos que ficara em casa, de um jovem que chegou a presenciar saques durante a seca de 1993.

Nas férias percorria os espaços rurais do distrito de Nazaré do Pico (na época Carqueja) em fazendas (Várzea do Icó, Fazenda Ema, Pedra Ferrada, Jericó, Lagoa Cercada...) cortada pelo riacho (Poco do Negro na época, atualmente Riacho da Ema) que divide os municípios de Serra Talhada-PE e Floresta do Navio-PE, onde, praticamente os meios de transportes eram cavalos, burros, jumentos e bicicletas (motocicleta eram para grandes fazendeiros) e o carro (caminhão) era quase exclusivamente (coletivo) destinado aos sítiantes mediante pagamento para se deslocarem para as cidades citadas em dias de feiras (Segunda e Sexta, Serra Talhada e Floresta, respectivamente), que durante as estiagens (principalmente a de 1993) buscava água em carros de boi no único poço (cacimba) que ainda resistia com água a quilômetros de distância (um pouco mais de 6 km) e que cortava mandacarus e xique-xique e jogava aos animais famintos, logo após queimar os espinhos em fogueira com temperaturas escaldantes.

Chegando a fase da adolescência (estudante de ensino fundamental em Nazaré do Pico e de ensino médio em Floresta do Navio-PE) morando no espaço rural (Fazenda Várzea do Icó), viu chegar: O transporte para os estudantes do sítio, do qual o presente autor da pesquisa foi beneficiado, as cisternas, que o autor ajudou a cavar o local onde se assentaria o reservatório ao lado da residência, a Operação Carro-Pipa iniciar e encher as cisternas com água do Rio São Francisco e nos períodos de chuva com instalações para tal fim, antenas parabólicas, melhorando o sinal e facilitando o acesso aos canais educativos, agropecuários, de leilões, religiosos, enfim ampliou-se a possibilidade de obter informações. As motocicletas começaram a se tornar o meio mais utilizado, as casas de taipa gradativamente foram substituídas pelas de alvenaria, a lista continua.

Chegando a fase adulta vivendo na cidade, trabalhando, fazendo faculdade e posteriormente na docência a partir de 2004-5 (até hoje), viu-se na cidade de Serra Talhada: A chegada de diversas instituições de ensino superior, cursinhos pré-vestibulares e cursos técnicos, pois, havia apenas a FAOPST (Faculdade de Formação de professores de Serra Talhada), ampliando significativamente o leque de cursos para os jovens da região, como: Psicologia, Direito, Medicina, Engenharia, Administração, Contabilidade, Engenharia de Pesca, Economia, só para citar alguns. Grandes empresas do setor comercial investindo na região, assim como a pulverização de micro, pequenas e médias empresas (familiares em grande medida), adutora do Pajeú, trazendo água do São Francisco abastecendo a microrregião, expansão de bairros de classe média a partir de crédito em bancos estatais, bairros populares a partir do projeto Minha Casa, Minha Vida, retirando milhares de famílias do aluguel e consequentemente valorizando as mulheres de baixa renda, a Ferrovia transnordestina que corta a microrregião na altura de Serra Talhada.

No meio rural viu-se a chegada da internet, conectando os agricultores familiares, as redes sociais e ao mundo instantaneamente, se globalizaram? As diversas políticas públicas de assistência social (Bolsa Família, seguro Safrá, Chapéu de Palha, Salário Maternidade) e as aposentadorias melhoraram significativamente a qualidade de vida dos “pajeusenses” do campo, assim como a expansão dos assentamentos rurais, dando acesso à terra aos que antes labutavam apenas em propriedades alheias. Contudo, muito do que fora exposto sobre as mudanças, não abarcam a metade das metamorfoses reais que o Sertão do Pajeú experimentou nas últimas três, quatro décadas, mudando seu retrato social e paisagístico”.